

“ISSO NÃO ACONTECERÁ!”

Primeiros passos de uma exegese de Amós 7, 1-6 – a tradução, a forma e a história

Fábio Py Murta de Almeida*

Resumo:

No artigo buscaremos treinar passos da exegese junto ao texto base de Amós 7,1-6, situando no bloco das visões de Amós 7-9. Com este exercício visamos começar as atividades de leitura e de construção frente ao texto de Amos, que serão aprofundadas posteriormente sobre o bloco das visões de Amos, sobre o prisma da leitura histórico-social da América Latina desenvolvida pelos especialistas: Milton Schwantes e Haroldo Reimer. Por fim, neste treino faremos uma aproximação inicial que será seguida posteriormente na forma de outros artigos.

Palavras-chaves: profecia, Amós, exegese, visões e libertação.

Abstrat:

This article seek to train steps of exegesis with the basic text of Amos 7:1-6, placing the block of the visions of Amos 7-9. With this exercise we aim to get the reading activities and building opposite the text of Amos, which will be elaborated later on the block the views of Amos on the perspective of social-historical reading of Latin America developed

* Graduando em História (licenciatura) pela UNIRIO, Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT-STBSB: Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil), da Faculdade Teológica Batista de Niterói (FTBN - STBN) e da Faculdade Teológica Evangélica do Rio de Janeiro (FATERJ). Autor de: *Nas veias correm esperanças... Meditações a partir do Salmo 11*, publicado pela editora do CEBI em 2009

by the experts: Milton Schwantes and Harold Reimer. Finally, this training will make an initial approach to be followed up later in other articles.

Key-words: prophecy, Amos, exegesis, visions and release.

Amós é um texto disputado. Ainda mais na América Latina, continente onde pelo pó e pelo sangue derramado nos nossos territórios tornamo-nos seus leitores assíduos. Ele nos cativa: admiramos seu texto, sua poesia, e, mas ainda, seu conteúdo. Por conta do fôlego da Teologia da Libertação e das hermenêuticas libertacionistas latino-americanas a religião (e não teologia) do ‘bóia fria’ de Técua acabou se enraizando em nossos territórios.¹

Nosso cristianismo conhece seus textos e seu conteúdo ‘de cabeça’. Por isso, dizemos que seu livro é atual e sua condução é instigante! Inspira o cristianismo da libertação, funcionando como exemplo dentro de um continente arranhado pelos opressores (COIMBRA, 2007, p. 234-321). E, aqueles intérpretes, do Sul, que buscam sair deste paradigma correm serio risco de perder de vista a identificação existente entre Amos e os solos dominados latinos americanos. Portanto, só nos resta dizer sobre o livro: ele fora como somos nós, hoje!²

Enfim, antes de darmos passos na busca da compreensão de sua mensagem, gostaríamos de nos aproximar de uma parte (duas pericopes) de seu corpo literário. Ora, afinal a exegese pede exclusividade (SCHWANTES, 1982, p. 8). Assim, estudaremos as suas duas primeiras visões que aparecem na parte final de seu corpo literário (isto é, nos capítulos 7 até o 9 – REIMER, 1992). O motivo de desbravar o fragmento de Amos 7,1-6 é, pois á vontade de perceber como que se dá à relação dos pequeninos com os instrumentos agrários para o movimento campesino que Amos deveria participar.³

¹ Para o elo da América Latina com o texto de Amos, cf. Haroldo Reimer, *Amós – profeta de juízo e justiça*, em *Revista de Interpretação Latino Americana*, nº35/3, Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 23-41.

² Para a identificação da comunidade do texto bíblico com as comunidades de hoje na América Latina, cf. Carlos Merstes, *Como se faz Teologia Bíblica hoje no Brasil - Estudos Bíblicos*, n.1, Petrópolis, Vozes, 1981, pp. 7-19.

³ A identificação de Amos como líder campesino ela é demonstrada em Nelson Kirst, *Amos: textos selecionados*, p.41-49. Agora, o desenvolvimento desta exegese tópico por tópico se baseia nas divisões de

Para isso, faremos primeiro a tradução literal de seu texto hebraico.

Tradução Amos 7,1-6

1ª Visão

1ª Estrofe

- (1) Assim me fez ver meu senhor Javé:
E eis que (!), alguém formava um bando de gafanhotos,
quando começava a crescer o cereal serôdio.
Eis que era o cereal serôdio depois da ceifa do rei.
- (2) Quando eles pretendiam terminar de consumir a planta da terra,

2ª Estrofe

E disse:

“Meu senhor Javé, perdoa, por favor!
Quem sustentará Jacó?
Pois ele é pequeno!”

- (3) Javé se arrependeu disso:
“Não acontecerá!”,
disse Javé.

2ª Visão

1ª Estrofe

- (4) Assim me fez ver meu senhor Javé:
E eis que (!) alguém (meu Senhor Javé) chamava para castigar com o fogo.
Quando tinha devorado o grande abismo e consumiria a herança,

2ª Estrofe

- (5) E disse:
“Meu Senhor Javé, para, por favor!
Quem sustentará Jacó?
Pois ele é pequeno!”

- (6) Javé se arrependeu disso:
“Também isso não acontecerá”,
disse meu Senhor Javé

A forma

Com o fragmento de Amos 7,1-6 estamos de frente a duas mensagens proféticas: não temos como negar isso. Principalmente por que, as cores das formulas proféticas impregnam as partes (VÁSQUEZ GUTIÉRREZ, 2002, p.110-119). Formam duas

Milton Schwantes, “A Cidade da Justiça: estudo exegético de Is 1.21-28”, p 5-48, seguidas no livro Fabio Py Murta de Almeida, *Nas veias correm esperanças: meditações a partir do Salmo 11*, p.16-30.

perícopes, melhor, são duas ‘manchetes proféticas’ (REIMER, 2000, p. 171-190), nos quais devem ter sido escritas, ou até estilizadas, quando o profeta estava em atividade. Por isso, dizemos que seus círculos foram os responsáveis por compilar esta tradição.⁴

Neste caso, intuitivamente entendemos que a profecia não seria um fenômeno individual, mas sim, um fenômeno comunitário, onde o profeta, os profetas, e o seu grupo seria formado por pessoas pelas quais a profecia se enraizava (cf. as obras de Max Weber, 1952 e de Haroldo Reimer, 1992, p.51-60, sobre a profecia). Lembrando de Max Weber (1952) pensamos que todo “carisma profético” está eminentemente relacionado às pessoas que se responsabilizam por sua memória, senão fatalmente sua mensagem seria obscurecida ao longo da história (vide também, KIRST, 1981, p.34-39).

Agora, como já dissemos, junto a este texto estamos de frente há duas “manchetes proféticas”⁵, isto é, este bloco de fragmentos de textos, foram produzidos para que fossem socializados entre os partidários roceiros de Amos - aqueles camponeses que trabalhavam nas redondezas de Técua (SCHWANTES, 2004). O fragmento de Amos 7,1-6 seria formado por dois ‘terços cantados’ que mais tarde foram compilados na forma de texto. Uma memória que tem título de “visão”, participante do bloco final do livro de Amós (Amós7-9), onde Javé deixa de simplesmente dizer (*davar*) e passa a mostrar e a permitir visões ao profeta (ANDIÑACH, 1983, p.209-301).

Isso é interessante, pois após Amos 1-6 mostrar (através da fala: *davar*) o que vem ocorrendo em Judá e em Israel, o livro nos surpreende a partir do capítulo 7 dizendo que: “Javé fez o profeta ver”. Compreendemos que neste momento específico, além de Javé mostrar a partir do que o profeta via, ele passa a permitir a esperança nas pequenas coisas

⁴ Milton Schwantes, “A Cidade da Justiça: estudo exegético de Is 1.21-28”, p 5-48. Para o caso da atividade dos círculos de Amos vale a pena à cf. a tese de Alzir Sales Coimbra, *Debate em torno da redação e da composição do livro de Amós: propostas fundamentais para a teoria da composição criativa a partir de Amós 6,1-14*.

⁵ Para a nomenclatura “manchete profética” cf. Haroldo Reimer, “Amós: profeta do juízo e da justiça”, p.23-41. Outra exemplificação desta nomenclatura vide em: Carlos Mário Vasquez Gutiérrez, *Dito, panfleto e memória: uma abordagem a partir de Amós 3-6*.

que via do dia-a-dia. O divino pelo concreto da vida mostra às soluções, entranhado de fé e esperança.⁶

Em termos internos é válido a compreensão de que este texto seria de Amós, pois o vocabulário é de um grupo de camponeses. Nisso, reforçamos a idéia de que Amós 7,1-6 seja um texto profético, pois as ocorrências da ‘formula do dito do mensageiro’ (“Assim me fez ver meu senhor Javé”) são fundamentais as perícopes, serrando as duas visões. A lógica entre ambas as visões é visível⁷, sobretudo por que entre elas existe uma métrica, a ponto de ter um bordão em comum: uma estrofe em comum (as segundas estrofes do dois poemas); como destacamos abaixo:

1º Elemento: ‘formula do dito do mensageiro’ (v.1 e 4)
2º Elemento: “E eis que” (anuncio) “quando” (denuncia) ... (v.1b-c e v.4b-c)
3º Elemento: 2ª estrofes – bordão (e re-bordão): promessa ... (v.2 e v.5-6)⁸

⁶ Milton Schwantes, “Jacó é pequeno: visões em Amos 7-9”, p.81-92.

⁷ Para o detalhe das fórmulas proféticas vide: Claus Westermann, *Basic Forms of Prophetic Speech*, Philadelphia: Westminster, 1967, 391p.

⁸ Esta estrutura é baseada no texto hebraico. Para melhor demonstrar isso, construímos um esquema tendo em vista o texto massorético, cf. para isso o gráfico abaixo:

Estruturas das duas primeiras visões:

1ª Visão	2ª Visão
Amos 7,1-2 (duas estrofes)	Amos 7,4-6 (duas estrofes)
v.1a – formula do dito do mensageiro	v.4ª – formula do dito do mensageiro
(v.1a) Assim me fez ver meu senhor Javé:	(v.4a) Assim me fez ver meu senhor Javé:
v.1b-2a – “e eis que” (...) “quando” (...) - 2 vezes	v.4b – “e eis que” (...) “quando” (...) – 1 vez
(v.1bc) E eis que (!), alguém formava um bando de gafanhotos, quando começava a crescer o cereal serôdio. (v.2a) Eis que era o cereal serôdio depois da ceifa do rei. Quando eles pretendiam terminar de consumir a plante da terra	(v.4c) E eis que (!) alguém (meu Senhor Javé) chamava para castigar com o fogo. Quando tinha devorado o grande abismo e consumiria a herança

E, por fim, destacamos algo especial que vem sendo apreciado recentemente dentro da dinâmica da poesia hebraica. Como destacamos no rascunho acima, estes poemas foram milimetricamente construídos. Devem ter sido cantados em conjunto, dentro da criatividade do povo de Amos e para que fosse distribuída com mais rapidez. Desta forma, era mais fácil de socializar as manchetes poéticas, como estas.⁸

Esta era a melhor forma para que todos as visem, ou as escutassem. Neste caso, compreendemos que a poesia hebraica não seria formada por formas pares, mas sim, seria formada aleatoriamente mediante a experiência do povo de Judá. Não tendo formas pares como Robert Lowth e Jose Luiz Alonso Schokel opinam baseados na estilização da poesia latina.⁹ Feita esta afirmação passamos a época em que Javé mostra a visão a Amós.

O lugar vivêncial

Em Amos estamos diante de 760—740aC. Vivia no reino Norte, quando o rei seria Jeroboão II, e no Sul, o reinante seria Ozias. Jeroboão II que era um general, que no geral apelava os massacres e as guerras. Por isso, chegou a ampliar suas fronteiras (2Rs 14,23-

v.2b-3 - bordão

v.5-6 – re-bordão

E disse: “Meu senhor Javé, perdoa, por favor! Quem sustentará Jacó? Pois ele é pequeno!” Javé se arrependeu disso: “Não acontecerá!”, disse Javé.

E disse: “Meu Senhor Javé, pará, por favor! Quem sustentará Jacó? Pois ele é pequeno!” (6) Javé se arrependeu disso: “Também isso não acontecerá”, disse meu Senhor Javé

Para esta estilização é importante que se acesse o texto de Pablo Ruben Andinach, “Amos: memória y profecía, análisis estructural y hermeneutica”, p.209-301, e ainda a tese de doutoramento de Haroldo Reimer, *Richet aut das Recht! Studien zur Botschat dès Propheten Amos*, p.42-78.

⁸ Cf. a teoria sobre perícopes apresentada em Max Weber, *Ancient Judaism*, Glencoe, Free Press, 1952.

⁹ Para isso vide: Milton Schwantes, “Repetições e Paralelismos - observações em um debate hermenêutico, exemplificado em Provérbios 10,1”, p.1385-1389.

29) em direção a Emat, a Damasco (norte) e ao Sul em direção ao Mar Morto. Praticava as invasões para aumentar a arrecadação.¹⁰

Portanto, Amós, não falou contra um estado falido, mas sim, contra um estado a ‘pleno vapor’. O reinado de Jeroboão II dentro dos muros das cidades era bem visto, tanto que dentro da religião citadina um profeta chamado de Jonas era a voz da situação (2Rs 14,25-27). Então, Amos (como todo profeta clássico) era uma voz descontente. Não se aproximava das cidades de Israel, mas sim, vivia a margem. Vivia longe das regulamentações estatais, onde o principal traço era que a terra era um espaço das famílias, por isso, seus donos eram os que lá plantavam (SCHWANTES, 2004).

Embora distante da cidade as taxas e impostos eram cobrados destes grupos, e por conta desta estrutura reguladora e opressora (que cobrava sempre a mais do que se disponha) é que deve ter sido organizado tal profecia (REIMER, 1992, p.51-60). Amos então seria um líder camponês¹¹, que por meio de suas palavras e visões buscava organizar, denunciar e acalantar os camponeses que viviam a margem dos sucessos do reinado de Jeroboão II.

Eles produziam para financiar tanto a comida da cidade, e principalmente as guerras deste reinado. Neste caso perguntamos: quem agüentaria tal descompasso?

Passamos assim, ao comentário das suas palavras – que polemizaremos num texto-artigo posterior.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Fábio Py Murta, *Nas veias correm esperanças: meditações a partir do Salmo 11*, São Leopoldo, Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), 2009, 80p.

ANDIÑACH, Pablo Ruben, “Amos: memória y profecia, análisis estructural y hermenéutica”, *Revista Bíblica*, Sociedad Argentina de Profesores de Sagrada Escritura, v.12, Buenos Aires, 1983, p.209-301.

¹⁰ Todo o histórico pode ser visto em Herbert Donner, *Historia de Israel*.

¹¹ Quem decora Amos como líder camponês é Haroldo Reimer em seu, *Richet aut das Recht! Studien zur Botschat dès Propheten Amos*, p.45-97.

COIMBRA, Alzir Sales, *Debate em torno da redação e da composição do livro de Amós: propostas fundamentais para a teoria da composição criativa a partir de Amós 6,1-14*, Tese de Doutorado na Universidade Metodista da São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007, 430p.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos. Vol I e II*, Petrópolis, Vozes, 1997, 535p.

KIRST, Nelson, *Amos: textos selecionados*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, 1981.

MERSTES, Carlos. “Como se faz Teologia Bíblica hoje no Brasil”, *Estudos Bíblicos*, n.1, Petrópolis, Vozes, 1981, p.7-19.

REIMER, Haroldo. *Richet aut das Recht! Studien zur Botschat dès Propheten Amos*, Stuttgart, 1992, 354p.

REIMER, Haroldo. “Amós – profeta de juízo e justiça”, em *Revista de Interpretação Latino Americana*, nº35/3, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 171-190.

REIMER, Haroldo, “Agentes e mecanismos de opressão e exploração em Amos”, em *Revista de Interpretação Latino Americana*, v.12, Petrópolis, Vozes, 1992, p.51-60.

SCHWANTES, Milton. “A Cidade da Justiça - estudo exegético de Is 1.21-28”, em *Revista Estudos Bíblicos*, v.22, São Leopoldo, Sinodal, p 5-48, 1982.

SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras - reflexão e estudo sobre Amós*, São Paulo, Paulinas, 2004.

SCHWANTES, Milton. “Repetições e Paralelismos - observações em um debate hermenêutico, exemplificado em Provérbios 10,1”, *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, 2005, p.1385-1389.

VÁSQUEZ GUTIÉRREZ, Carlos Mário, *Dito, panfleto e memória: uma abordagem a partir de Amós 3-6*, Tese de doutorado na Universidade Metodista da São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002, 231p.

WEBER, Max, *Ancient Judaism*, Glencoe, Free Press, 1952.

WESTERMANN, Claus, *Basic Forms of Prophetic Speech*, Philadelphia: Westminster, 1967, 391p.